

Linn da Quebrada celebra Édén Travesti com sua *Oração*

Por Juliana Protásio

O videoclipe *Oração*, da cantora e performer Linn da Quebrada, foi lançado em 2 de novembro de 2019, com direção de Sabrina Duarte e roteiro e direção artística assinados por Linn. A data, feriado católico que celebra o Dia de Finados, não foi escolhida ao acaso. De acordo com entrevistas da cantora, o objetivo do trabalho é celebrar as vidas de mulheres trans e estabelecer um ambiente de acolhimento e resgate do sagrado para elas, que comumente são alijadas desses espaços.

Oração foi o sétimo single independente lançado por Linn da Quebrada desde seu álbum de estreia, *Pajubá*, divulgado em 2017. Tanto na música quanto no videoclipe, Linn subverte o vocabulário e o universo religioso para tratar de empoderamento travesti, mas, desta vez, segue por um caminho diferente do habitual em seu trabalho.

Neste single, a artista se desloca de faceta afrontosa aguerrida, do ritmo agitado, misto de funk e rap com bases eletrônicas e letras de conotação sexual explícita, para uma balada em que sua voz está serena e melódica, acompanhada por coro e piano, evocando a atmosfera do cântico religioso. Apesar do aspecto pacífico, a afronta permanece na reivindicação de espaços e direitos para travestis.

Amplificando o efeito da canção, o videoclipe de *Oração* foi realizado com atmosfera de ritual. O resultado leva os espectadores a vislumbrar o que poderia ser um paraíso sincrético travesti. Gravado numa igreja abandonada em Brasilândia, periferia da Zona Norte de São Paulo, o vídeo mostra um grupo de mulheres trans vestidas de branco, dançando e se acariciando de modo não sexualizado, em gestos de acolhimento e celebração.

Além de Linn da Quebrada, o clipe traz ainda treze artistas, influenciadoras e ativistas trans. Entre elas, Liniker Barros, Verónica Valentino, Ventura Profana, Urias, Danna Lisboa e Alice Guél, que também fazem coro na canção, e Ceci Dellacroix, Magô Tonhon, Rainha Favelada, Kiara Felipe, Ana Giza, Maria Clara Araújo e Neon Cunha. Apenas Jup do Bairro, amiga e parceira artística da cantora, que também participa do coro gravado em estúdio, não aparece no clipe.



De acordo com declarações de Linn em veículos on-line, o trabalho foi pautado pela busca do espaço sagrado para as travestis. Criada como Testemunha de Jeová e desassociada da igreja a partir do momento que começou a investigar e expressar sua identidade de gênero, Linn da Quebrada adotou a blasfêmia (fazendo também o trocadilho “blasfêmea”) como meio de expressão artística.

Deste modo, ela explora constantemente signos da religião cristã em suas letras e videoclipes. Eles aparecem de forma irônica, subvertida ou como objeto de crítica, em virtude da opressão e hipocrisia das igrejas com relação à sexualidade, especialmente no que tange às orientações e corpos dissidentes. Em *Oração*, a começar pelo título da música, símbolos e palavras, como unção e bênção, surgem ressignificados em busca de uma liturgia que contemple, acolha e ame as travestis.

Ovelha de Deus

O videoclipe *Oração* tem, simultaneamente, o caráter de manifesto e a atmosfera de sonho. Diferente da música de estúdio, a abertura do clipe traz um texto falado como se fosse oração, feitiço ou, como dito anteriormente, um manifesto:

“Eu determino que termine aqui e agora, determino que termine em mim, mas não acabe comigo. Determino que termine em nós e desate. E que amanhã seja diferente com elas, que tenham outros problemas e encontrem novas soluções e que eu possa viver nelas, através delas, em suas memórias”.

A sequência que acompanha esta fala inicia com Linn vestida de branco, segurando e acariciando um facão diante do próprio rosto. A imagem pode remeter tanto a uma cangaceira, quanto à temida travesti com a navalha. Ela então aparece ceifando a vegetação em gestos rápidos, que têm o som metálico do facão ressaltado nos cortes, que coincidem com a enunciação da palavra “termine”.

Em *takes* rápidos, intercalados com imagens que antecipam a presença de suas outras companheiras de cena, o espectador vê a sequência que alude à crucificação, sepultamento e ressurreição. Linn aparece numa crucificação estilizada, sepultada (ou semeada) por uma pá fincada na terra, e ressurge no campo, pronta para fazer com que se cumpra sua promessa/profecia. E desta abertura, finalmente começa a entrar o coro inicial da música.



Nesta transição, o título “Oração” aparece sobre a cena em letras brancas, em estilo gótico, porém rústico. O visual escolhido dialoga tanto com os ornamentos de escrituras religiosas cristãs/católicas, quanto com a estética do pixo, linguagem marcadamente de resistência da periferia, bem cara ao universo explorado artisticamente pela artista.

Em seguida, o fundo se torna preto, evidenciando as letras com um brilho sutil em torno delas, como uma mística celestial que caracteriza o visual de todo o filme. O aspecto onírico é reforçado justamente por este efeito *flare* do vídeo, que provoca um extravasamento da cor branca e cria uma aura ao redor das pessoas e dos objetos.

A percepção de um sentido difuso também é causada pela própria letra da canção, que provoca sensação semelhante à de um mantra ou de uma oração, por meio da repetição dos sons de “ão”, “em” e “men”. Juntamente com as aproximações entre sílabas, propositalmente existe uma dubiedade nas palavras e versos proferidos.

A letra, portanto, provoca deslocamentos de sentidos das palavras religiosas, como na sequência de versos iniciais “*Entre a oração e a ereção/Ora são, ora não são*”, que pronunciados podem parecer com “entre a oração e a ereção mora ação”, por exemplo. Ou “*A quem costumeiramente ama/A mente ama também*”, que eventualmente soam “amém te ama também”.

Ritual de Irmandade

O coro de abertura da canção é acompanhado por um *take* que mostra pessoas caminhando de pés descalços, todas em vestimentas brancas bastante variadas entre si – calças, saias, vestidos longos, cauda e inclusive meias rendadas – frisando a diversidade de corpos que aparece no clipe. Elas passam por um caminho de pedras e escadaria, indicando o momento de entrada das personagens no local de encontro e ritual. O branco, cor sagrada para os ritos de matriz africana e também signo de pureza nas religiões judaico-cristãs, é marcante no filme tanto nas vestes, quanto no aspecto visual.

No momento em que os primeiros versos da música começam a ser cantados, Linn aparece sozinha, sentada sobre o chão quadriculado da igreja, e espalha cristais de sal grosso, fazendo um semi-círculo diante e em torno de si. O sal é considerado elemento de limpeza e proteção usado em rituais religiosos e de magia. O gesto representado na cena equivale à abertura de um campo sagrado.



A igreja está limpa, mas coberta de pichações, portanto, um ambiente sagrado já apropriado de outra forma. Quando o coro da música volta a entrar, a cena se mostra mais aberta e as outras mulheres aparecem caminhando ao redor do piano no centro da igreja. A cena volta a se fechar em Linn, dessa vez num plano de baixo para cima, com olhar altivo não direcionado à câmera. Olha em direção às outras e Liniker, que, na música de estúdio, também faz vocais e toca o piano, aparece tocando o instrumento com um véu que se assemelha ao de santas e virgens católicas.

Os versos “*se homens se amam, ciúmes*” contrastam com a imagem das mulheres em cena, que foram designadas homens ao nascer e que sofrem com a ordem social machista, mas ali interagem alegremente, próximas entre si, se olhando e sorrindo. Linn aparece em choro emotivo, em gesto de vulnerabilidade e entrega, que é acolhido num abraço por uma das mulheres.

Quando o coro volta, elas aparecem de mãos dadas ao redor do piano, num círculo que demonstra o elo entre elas. Formam ali uma irmandade feminina somente de mulheres negras, trans, de corpos variados, mas igualmente dissidentes diante do sistema cisheteronormativo.

Pela primeira vez aparece no filme um quadro em que se reconfigura o espaço onde era o altar da igreja, tendo Linn ao centro, com os braços abertos apoiados numa estrutura, como se estivesse crucificada. Cercada das outras mulheres, como se fossem imagens de santos católicos, e todas olham direto para a câmera, criando a impressão de olhos nos olhos com quem assiste à cena.

Elas voltam a aparecer dançando com gestos livres e leves, figuras femininas etéreas ao redor do piano – único objeto preto em cena. A cor e o peso do instrumento contrastam com o movimento da cena. Se levarmos em consideração quem são aquelas personagens, além da própria trajetória musical e estética de Linn da Quebrada, este contraste se amplia, por se tratar de instrumento musical considerado nobre e de espaços culturais de elite. Simboliza a música de alta classe social, da cultura hegemônica, normativa, considerada superior.

Ainda sobre o gestual, nas partes em que aparece dançando, os movimentos de Linn são suaves, mas sempre amplos. Ela expande o corpo, ocupa espaço, inclusive com abertura do peito, gesto associado a ideias como coragem, entrega de coração e liberdade. O grupo de mulheres é mostrado em momentos de proximidade, que demonstram seus laços de união por meio do toque, do abraço.



São cenas construídas a partir do imaginário do afeto e do acolhimento, uma imagem ainda pouco associada ou explorada a respeito da população LGBTQIA+, especialmente no que diz respeito à construção identitária das travestis.

Violência do Estado

No momento em que sobe o tom da música, que corresponde ao trecho de clamor alerta “*Não queimem/Não queimem as bruxas*”, o grupo surge caminhando na rua, formando um conjunto semelhante a uma procissão. Elas estão de mãos dadas e pés descalços, tranquilas e vulneráveis, enquanto uma viatura policial permanece parada ao lado, com as luzes acesas. O contraste aqui também traz o símbolo da instância de poder. Neste caso, do Estado, que em vez da proteção que supostamente deveria oferecer aos cidadãos, paira como ameaça.

Já nos versos seguintes, “*Mas que amem as bixas, mas que amem/Que amem, clamem, que amem*”, a cena volta a mostrar as travestis dançando, bem como demonstrações de união, intimidade e afeto – uma delas apoia a cabeça no ombro da outra, por exemplo. A dança é circular, o que mais uma vez remete à realização de um ritual em grupo – seja religioso ou de bruxaria.

Linn, então, volta a aparecer cantando os versos da música, mas com um sorriso, apresentando uma expressão mais leve e sem gravidade. As outras também aparecem em close cantando versos da música, igualmente investidas do clamor da letra para “*que amem as bixas*”, reivindicando o amor para pessoas como elas. Um close mais fechado em Linn, juntamente com o efeito de reverberação na música, acentua o verso “*que amem as travas*”.

Após a sequência, o grupo volta a aparecer unido, todas sentadas na calçada de forma despojada, na mesma rua onde estava a viatura policial, que faz uma manobra e se retira. Elas então ocupam o espaço inteiro, dançando e rodopiando, como se o ritual estivesse concluído, como se o feitiço houvesse funcionado, afastando dali aquela força coercitiva, mandando embora aquela energia negativa.

É interessante ressaltar que as cenas em que a polícia aparece foram feitas de improviso, que não faziam parte do roteiro original do vídeo. Elas foram introduzidas a partir de uma situação de violência no dia da gravação. Após o lançamento do vídeo, Linn revelou em entrevistas que um



suposto proprietário do local e a polícia tentaram impedir que elas gravassem, inclusive ameaçando a equipe, ainda que a locação estivesse devidamente reservada e com a documentação necessária. O episódio comprometeu o planejamento original das realizadoras, mas ainda assim rendeu material que foi incorporado, trazendo ainda mais camadas de sentido ao trabalho.

Que assim seja

A música termina na palavra “amem”, imperativo do verbo “amar”, estendida. Mais uma vez, a duplicidade de sentido, recorrente nas composições e até mesmo no discurso de Linn da Quebrada, se faz presente: pode ser compreendida como o “amém” ao final de uma oração. A palavra, utilizada na liturgia católica para encerrar preces, reitera o desejo de que o pedido do fiel se realize, significando “assim seja”.

Na tela, as catorze mulheres formam um quadro dinâmico ocupando o espaço do altar, com olhar dirigido ao espectador, que, ao mesmo tempo, é convidado a contemplar a cena durante mais de um minuto. Elas se movem em câmera lenta, recurso que confere uma atmosfera de misticismo e beleza, como se aquelas figuras fossem seres sagrados, cheios de luz própria, a serem apreciados em um tempo contemplativo. Linn está entre elas, mas não ocupa uma posição de destaque, está misturada ao conjunto. A cena é dilatada e cria um silêncio estendido para além do término da música, como um espaço de meditação.

O filme, então, encerra com os créditos, registrando a contribuição de toda equipe para o projeto, o que reforça seu caráter coletivo e de obra autoral, em vez de uma peça de divulgação meramente comercial de um single ou artista.

